

# CONHECIMENTO E AÇÃO NA PERSPECTIVA DE HEGEL

Gabriel Rodrigues da Silva – E-mail: [gabriel.r.silva@unesp.br](mailto:gabriel.r.silva@unesp.br)

## Introdução.

Me proponho a apresentar a relação entre o conhecimento (Wissen) e a ação humana (Handlung) na perspectiva do filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831). Para isso, faço uso, principalmente da obra *Fenomenologia do Espírito* (*Phänomenologie des Geistes*) – publicada em 1807. Conforme estabelece o próprio filósofo, a *Fenomenologia* é a ciência da experiência da consciência – era esse o primeiro nome escolhido por Hegel para esta obra (Vaz, 2014, p. 11-12). Ao longo dela, podemos perceber que o filósofo não faz uma separação entre o conhecimento e a ação. Isto é, ele não os considera como dois momentos separados. Portanto, a compreensão de que primeiro conhecemos e que somente depois disso é que agimos, ou até mesmo a compreensão de que agimos primeiramente para que, após isso, possamos conhecer, são ambas, segundo a filosofia de Hegel, errôneas e insuficientes como modelos explicativos do conhecimento e da ação humana. Mas, ao invés disso, o filósofo busca unir estes dois aspectos: o conhecimento e a ação. Concebendo-os como distintos, porém inseparáveis. O sujeito que está conhecendo é o mesmo sujeito que está agindo. Tal dicotomia entre o conhecer e o agir, como é comumente definida, caracteriza o conhecimento como algo passivo, inerte e estático, em oposição à ação, que é definida como algo ativo, dinâmico e móvel. Mas, ao invés disso, de acordo com a filosofia hegeliana, o próprio conhecer já é um processo ativo, enérgico, dinâmico e vivo (Hegel, 2012, § 378). A relação de conhecimento entre o sujeito [que conhece] e o objeto [que é conhecido] não é uma relação pronta, dada e imediata. Mas, contrariamente, esta relação pressupõe a construção que o sujeito exerce quando está conhecendo. O mesmo ocorre quando o sujeito está agindo. Portanto, a ação humana de modo algum é algo acabado, prontamente estabelecido pelo sujeito e que, sendo assim, só precisaria ser executado. Mas, pelo contrário, a ação mesma é um conhecer que está acontecendo e sucedendo-se conforme desenrola-se.

## Desenvolvimento.

Hegel, como observado por Novelli (2008, p. 51), não se preocupou em escrever e elaborar uma obra sobre teoria do conhecimento – ao menos não nos moldes das outras obras que já haviam sido publicadas nos séculos anteriores e que estavam sendo publicadas em sua época. Todavia, o filósofo jamais deixou de pensar sobre isso, sendo este um tema constante em diversas de suas obras, por exemplo, com as questões: “O que é conhecimento?”, “Como conhecemos?” e “Conhecimento de que?”. Para Rometsch (2012, p. 95) todas estas, para serem respondidas, exigem, concomitantemente com a teoria do conhecimento, uma espécie de teoria do sujeito que esteja acoplada e que, por sua vez, explicará o conhecimento do indivíduo e sua cognição. Inclusive, em sua primeira grande obra, a *Fenomenologia do Espírito*, Hegel buscou explicitar o processo do conhecer da consciência. Isto é, durante a obra, Hegel abordou o “vir-a-ser da ciência em geral ou do saber” (Hegel, 2014, § 27). Apontando quais são as etapas que consciência percorre até o saber absoluto, expondo o desenvolvimento de cada uma das múltiplas figuras da consciência. Podemos definir que, segundo Hegel, o conhecimento é uma relação estabelecida entre o sujeito (Subjekt), que está buscando conhecer, e o objeto (Objekt), que será conhecido. Porém, diferentemente do que é estabelecido pelo filósofo Immanuel Kant (1724-1804) em 1781, com a primeira publicação da *Crítica da Razão Pura* (*Kritik der Reinen Vernunft*), para Hegel, o sujeito deve pretender conhecer o objeto de modo absoluto, pois, em última instância, tudo se resume ao sujeito e à sua ação. Ou seja, a ideia de objeto volta-se constantemente, e necessariamente, à ideia de sujeito. Sendo assim, o sujeito, no que lhe concerne, apreende o objeto segundo sua forma predominante. Desse modo, sujeito e objeto são estruturas interdependentes e complexas. O sujeito utiliza-se dos seus conceitos, de seus juízos e de suas inferências, e o objeto participa através de sua correlação (Novelli, 2008, p. 53). Portanto, Hegel estabelece que essa relação – do sujeito que está constantemente conhecendo o objeto – possui um caráter dinâmico, tanto por parte do sujeito, quanto por parte do objeto. Sendo assim, cada uma das diversas formas da consciência, que surgem passo a passo, compreenderá o objeto segundo sua própria maneira. Assim como o objeto, por sua vez, modifica-se permanentemente de acordo com seu vir a ser. Logo, conclui-se que apenas um sujeito em movimento será apto de compreender um objeto que também encontra-se em movimento. De acordo com Hegel, este constante passar de um estado ao outro acaba por modificar o

sujeito em objeto e o objeto em sujeito. Assim como não há propriamente uma teoria do conhecimento na filosofia de Hegel – o que já dito anteriormente – o mesmo ocorre com uma teoria da ação – ressalto novamente: ao menos não nos moldes contemporâneos. Porém, Charles Taylor (1931-), um filósofo contemporâneo canadense, buscou reconstituir, a partir das obras de Hegel, uma teoria da ação hegeliana. Buscando principalmente os problemas filosóficos que já eram conhecidos e recorrentes no século no qual o filósofo viveu, e que ainda permaneceram nos debates de hoje. Com isso, Taylor afirma que há em Hegel uma teoria qualitativa da ação – que aqui simplificarei com a sigla TQA que, por sua vez, se opõe à teoria causal da ação – que aqui simplificarei com a sigla TCA. De acordo com Taylor, na TCA as ações humanas são descritas como movimentos físicos, assim como as outras espécies de fatos e acontecimentos naturais. Porém, com apenas uma única diferença: a de possuir uma causa de fundo psicológico, que é o desejo ou a intenção humana (Helfer, 2011, p. 8). Por exemplo, a falta de umidade no solo faz com que ele seja inapropriado para o crescimento de algumas plantas – e isto é um acontecimento natural. Dando continuidade ao exemplo: um homem que deseja que as plantas cresçam, ao relatar a falta de umidade deste solo que foi mencionado, irá regá-lo com água – e isto já é uma ação humana. Todavia, em ambos os modos há somente uma rede de nexos causais. Já na TQA, que segundo Taylor é a proposta de Hegel, há um elemento a mais que é fundamental para a distinção entre as duas teorias. Enquanto na TCA não há uma relação entre a ação do indivíduo e o fim que ele almeja alcançar, na TQA as ações e os fins coabitam e são ontologicamente inseparáveis. Para Hegel, o indivíduo se reconhece naquele fim e é por isso que ele age daquela determinada maneira e não de outra. Nesse sentido, o fim da ação nunca é mero resultado, não podendo ser separado da intenção do agente (Helfer, 2011, p. 10). Sendo assim, a TQA atribui responsabilidade ao sujeito, estabelecendo que há uma parcialidade naquilo que ele escolhe, define e faz e, portanto, o compromete com conteúdo de sua ação e também com o seu resultado. Portanto, conclui-se que a ação humana é um evento que busca modificar uma situação dada com vista à uma melhora – ao menos na interpretação do indivíduo. Na ação humana há uma causa interna que estimula o agente à ação.

## Conclusão.

Segundo Hegel, o conhecimento e o agir possuem um mesmo fundamento, ou seja, possuem uma mesma estrutura lógica. Ambos surgem como manifestações ativas da busca por adequação da subjetividade e da realidade efetiva: o conhecimento aparece como adequação do sujeito ao dado objetivo e o agir aparece como conformação do objeto ao dado subjetivo (Novelli, 2008, p. 62). Na medida em que o sujeito está cercado e constantemente influenciado pela cultura que o cerca, ele age sempre em conjunto com o conhecimento da cultura que lhe formou (Bildung). Porém, isso não significa que o sujeito está preso a ela. Ou seja, conforme o sujeito age há também a possibilidade, por meio daquela ação, de reforçar ou alterar aquele conhecimento daquela determinada cultura. Segundo Taylor, a filosofia hegeliana permite abordar esclarecer o conceito de *conhecimento do agente* (Taylor, 2010, p. 25). Isto é, a noção de que somos capazes de saber sobre nossa própria ação, suas origens, ou seja, suas razões, e seus objetivos. Portanto, a ação sempre possibilita uma nova formulação do *agent's knowledge* que, através da ideia, ruma à sua plena consciência.

## Referências Bibliográficas.

1. HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses. 9ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
2. HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas: em compêndio (1830): Volume 3: A Filosofia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses. 3ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
3. HELFER, I. *Teoria da ação e mediações dialéticas em Hegel*. Revista Eletrônica Estudos Hegelianos, V. 8, N. 14, 2011.
4. NOVELLI, P. G. A. *Pode-se falar de uma Teoria do Conhecimento em Hegel?* Revisa Simbio-Logias, V. 1, N. 1, 2008.
5. ROMETSCH, J. *Hegel On Knowledge of What We Doing*. Berlin: De Gruyter, 2012.
6. TAYLOR, C. *Hegel and the Philosophy of Action*. In: LAITINEN, A.; SADIS, C. (ORG.). *Hegel on Action*. UK: Palgrave Macmillan, 2010.
7. VAZ, H. C. L. *A significação da Fenomenologia do Espírito*. In: HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. 9ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.